

**Experiências vividas:
narrativas entrelaçadas pela singularidade de um espaço provisório**

Ilsyane do Rocio Kmitta¹

Resumo: As fontes orais possibilitam questionamentos relacionados à forma de como são sentidas e vividas às experiências individuais ou coletivas. Assim temos relatos emocionados, com gestos que silenciam as palavras, o olhar perdido no espaço como uma estratégia de se recriar mentalmente o cenário da experiência vivida. Temos a melancolia, o silêncio, os questionamentos, tudo sobremaneira resguardado como algo que cravou suas marcas na memória, mas que teve suas arestas lapidadas pelo tempo. Compreender como a história local contempla em suas características e modificações o fenômeno das enchentes, fazendo uma leitura da história a partir da memória de um povo que considera que a enchente é um fenômeno natural, porém marcante na região do Pantanal. É dentro deste contexto que situamos nosso objeto de pesquisa, em andamento no Programa de Mestrado, que são as experiências vividas nas enchentes do Pantanal em Porto Murtinho, enfatizando a relação do homem e da natureza neste universo de águas.

Palavras-chave: Porto Murtinho; enchentes; homem, natureza

Living Experiences: narratives joined by the uniqueness of a provisional space.

Abstract: The oral sources bring about issues concerning the way people feel and adjust to their individual or group experiences. Thus, there are emotional narratives, when gestures can silence the words, the sight lost in the space as a way of mentally recreating the scenery of the lived experience. We find the melancholy, the silence, the concerns, everything so preserved as it was stuck in the memory, despite of having its edges defined by the time. Understanding how the local history shows, as one of its characteristics and changes, the flooding phenomenon, one can make an analysis of the history through the memory of the people who believe the flood is a natural phenomenon, although it is remarkable in the region of the Pantanal. It is in this context that we find the object of this study, which is part of a Master's Degree Program, that focuses on the living experiences which the people from the Pantanal region have gone through during the floods of the rivers in the surroundings of Porto Murtinho, Mato Grosso do Sul, concerning the relation between man and nature in this water universe.

Key words: Porto Murtinho, flood, man, nature

As trajetórias de vida dos moradores de Porto Murtinho sejam individuais ou coletivas, assumem um papel relevante no sentido de contribuírem para a elaboração da pesquisa em andamento no Programa de Mestrado da Universidade Federal da Grande Dourados. As entrevistas são, neste caso, uma possibilidade para o registro dessas subjetividades. Assim, não posso negar a pertinência das palavras de Luft, quando escreve que “fazer” História é antes de mais nada buscar as sociedades e entendê-las em seu meio.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em História de UFGD sob a orientação do Prof. Eudes Fernando Leite, bolsista FUNDECT/CAPES. e-mail: ilsyanekmitta2@ibest.com.br

”(LUFT, 2005;2) Neste contexto, partilhamos da análise de Leite quando este descreve que a História Oral é

um conjunto de técnicas de importância considerável para levantarmos as impressões daqueles que, por motivos vários, não expressam sua versão em texto escrito, sua análise sobre um evento histórico do qual foram atores ou testemunhas.”(LEITE,2009;18)

A possibilidade do registro das narrativas auxilia na produção de fontes que permitem a análise e entendimento de aspectos particulares e específicos bem como as estratégias construídas pela população afetada pelas enchentes no Pantanal. Consideramos, portanto, que o processo de construção do conhecimento histórico sobre as enchentes, a “cidade de lona”² e a construção do dique de contenção das águas, tem significações que envolvem todo um universo de crenças, hábitos e costumes que permeiam este centro urbano no Pantanal. Segundo Leite, ao trabalharmos com tal metodologia é preciso “considerar que a memória produz um depoimento a partir de uma participação individual, lançando mão de conceitos elaborados no meio social.” (LEITE,2009;18)

A própria história da cidade se tece na ação dos mais variados atores sociais e suas práticas cotidianas constituem o eixo central da investigação, da organização e reorganização deste espaço historicamente constituído. Para uma melhor compreensão, neste aspecto, entendemos que a possível compreensão da relação entre o homem e a natureza na planície pantaneira, somente é plausível mediante o conhecimento das estratégias humanas construídas historicamente, para sua sobrevivência em áreas que tradicionalmente enfrenta as consequências das enchentes no Pantanal, como é o caso de Porto Murtinho.

Quanto aos aspectos geográficos e históricos da cidade de Porto Murtinho, destacamos que está situada às margens do rio Paraguai e cerca de 50 km a montante do rio Apa. Limita ao Norte com Corumbá, ao Sul com a República do Paraguai, ao Leste com Bonito, Jardim e Bodoquena e a oeste com a República do Paraguai. Está na direção Norte-Sul do Pantanal, e situa-se à margem esquerda do rio Paraguai. O relevo é o de planície pantaneira, com declives mínimos nas áreas alagáveis, no entorno das margens do rio Paraguai. Frente à cidade ficam a Ilha Margarida e a Colônia Peralta. Ao norte, o relevo do Fecho dos Morros e do Pão de Açúcar, que são locais amplamente explorados pelo turismo. Em Porto Murtinho, o baixo curso do rio Apa apresenta uma área de Pantanal com enchentes que transbordam o rio e inundam as regiões circunvizinhas.

² Como ficou conhecido o local onde foram construídos os alojamentos para os desabrigados pelas enchentes de 1979 e 1982.

No estudo da Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas sub-regiões, Silva e Abdon, classificam e descrevem as sub-regiões e os municípios que a compõem. Nesta descrição, a sub-região de Nabileque agrega os municípios de Corumbá, Porto Murtinho e Miranda, e a sub-região de Porto Murtinho localiza-se somente o município de Porto Murtinho. (SILVA & ABDON,1998;1710) Seria pertinente avaliar que, nas grandes enchentes, o Nabileque escoar águas em quantidade considerável, se constituindo numa grande descarga, apresentando uma área inundável próxima a 90 km, incluindo o seu braço principal. Por esta razão, mesmo tendo diversas bocas e diversas saídas, durante as cheias atinge uma área a partir da barranca que fica toda coberta pelas águas.

Optamos pela utilização das fontes orais que buscam valorizar e incorporar a memória da população murtinhense, considerando não apenas os fatos, mas os anseios, crenças, desejos, e as representações que permeiam esta memória. A história oral empreende a investigação das memórias tendo que enfrentar necessariamente a questão da subjetividade. Buscamos auxílio em Pollak, para sublinhar o problema da subjetividade e das fontes, para o autor, “até as mais subjetivas das fontes, tais como uma história de vida individual podem sofrer uma crítica, por cruzamento de informações obtidas a partir de fontes diferentes.”(POLLAK,1992;200) E, de modo menos dogmático, permite uma análise no campo de discussão historiográfica, onde os sujeitos vivendo em temporalidades diferentes moldam novas relações, experimentam novas práticas de convívio que podem ser duradouras ou o reforço para os conflitos ora existentes, em uma região com características e especificidades singulares e peculiares próprias da planície pantaneira.

A entrevista em si, vem carregada de “códigos” que se apresentam de várias maneiras e cabe ao pesquisador, então,

reconhecer que a narrativa oral possui um conjunto paralelo de acessórios e complementos. Gestos, olhares, ambientes, expressões faciais fazem parte do que o entrevistado narra e, ao mesmo tempo, esses componentes trabalham para garantir o êxito da narrativa.” (LEITE,2003:129).

Aquele que se encontra diante do pesquisador está ali se revelando, ou seja, está expondo a sua identidade, a sua história que contém fragmentos ou o todo de suas experiências vividas, que, para ele, constituem-se na sua memória. O que ocorre é uma seleção de fatos, detalhes e acréscimos que contribuem para a continuidade dessa memória. Ao contar sua experiência no período das enchentes, Sonia Codorniz nos faz o seguinte relato

Quando cheguei para ver o meu pai e mãe, na madrugada, muito frio, muita água pra todo lado [...] minhas pernas estavam congeladas. Lembro que pedi informação para

um militar, ele não conhecia meu pai, fui ficando apavorada [...] à medida que o dia clareava, aparecia àquelas sombras pretas que aos poucos ficaram uma fila imensa de barracas pretas. Era horrível! Vi meu pai ao lado da BR [...]. não acreditei que era ele, sentia tanto medo! (Entrevista Sonia Codorniz, 2007)

Enquanto falava, seu corpo parecia expressar a angústia experimentada naquele momento ali descrito. O drama torna-se real, através do ato de rememorar e foi possível recriar aquela imagem com todos os detalhes e, ao mesmo tempo, perceber quão distante estava àquela situação ali descrita. A experiência, aquilo que foi vivenciado, sofria uma releitura por meio de um ato memorativo. No momento seguinte quando relatou seus dias na “cidade de lona”, quando já está familiarizada com o ambiente, demonstrou segurança ao falar e ao concluir ela “deu de ombros”, como se repetisse um gesto a muito visto, que agora invadia suas lembranças e fazia parte do vivido:

[...] ao visitar parentes e conhecidos naquelas barracas... as divisórias feitas com guarda-roupas e também com lona... era o que tinha, mas era muito triste... mas as pessoas estavam juntas, uns ajudavam os outros... é por isso que as lembranças não são tão ruins. Todos viviam como era possível, não tinha outro jeito [...] (Entrevista Sonia Codorniz, 2007)

O espriar das águas no período das chuvas, é visto pelos moradores como necessário. Nas entrevistas realizadas verificamos que há pontos comuns no que tange a vulnerabilidade da população. Vejamos a narrativa da senhora Conceição, que diz “somos vulneráveis a enchentes ainda só que mesmo assim torcemos pra que todos os anos haja enchentes porque a enchente é a redenção do rio e do Pantanal já que a água se espalha e a locais aqui como o Nabileque e nos já presenciamos isso.” (Entrevista Conceição Montanheri, 2008) Este mesmo rio, em época de estiagem tem o comportamento de uma vazante em níveis baixos com leitos múltiplos. (CARVALHO, 1974; 47) Em conformidade com a senhora Conceição “o rio fica com uns 100 km de largura, então ele entra, ele sobe e ele se espalha” e continua “as águas você olha e se pudesse ficar lá no meio e olhar em volta, não enxergaria o horizonte.” Ressalto aqui, a pertinência das palavras de Leite quando descreve que as tradições permeiam este universo cultural local, e nelas está a identidade do homem. Leite salienta ainda que “no imaginário do homem pantaneiro a enchente esprija-se e ocupa lugar de destaque [...] Todo pantaneiro preserva em sua memória alguma experiência com enchentes [...] por que compreendem como componentes daquele universo do qual fazem parte.” (LEITE, 2003; p.164).

Aliado aos aspectos de deslumbre está à observância das necessidades locais que estão atrelados ao modo de vida da população. Assim, na leitura dos moradores da planície

pantaneira, “ a pesca depende, a quantidade de peixes, aumento ou diminuição de peixes no rio, depende das enchentes por que é quando os peixes tem maior possibilidade de se proteger, pra se defender e procriar e pra se desenvolver.”(Entrevista Conceição Montanheri, 2008)

As enchentes marcaram profundamente a cidade, alterando seu espaço urbano e ao mesmo tempo o restringindo com a construção do dique. A população guarda fragmentos de lembranças que contemplam um episódio de dor e sofrimento, mas que resignificadas em suas práticas cotidianas oferecem novos elementos culturais que garantem a sua continuidade. A experiência com o mundo natural, nesta situação as enchentes articula saberes indiciários que favorecem a identificação das mudanças no tempo e, que, por vezes, enunciam problemas: “quando o marreco canta [...] vem chuva forte” ou “as águas vão subir na altura que o caramujo põe os ovos” ou ainda “quando o biguá e a garça sobem o rio no entardecer é sinal de enchente.”

As narrativas dos moradores de Porto Murtinho, estão inseridas e situam-se num orbe mais amplo. Há valores peculiares da sociedade que estão nela arraigados, e está atrelada a valorização do presente, enquanto elemento constitutivo da memória, do momento histórico em que vive. Desta forma, na sua análise é possível a identificação de marcos, pontos convergentes, invariantes e imutáveis. (POLLAK,1992;200) Esta observação é plausível, para salientar que “o entrevistado não tem obrigação de preencher lacunas, estabelecer elos nos fragmentos” (MONTENEGRO,1993;55) pelos quais anseia o pesquisador. É preciso observar, segundo o autor que “a memória é resultante da vivência individual e da forma como se processa a interiorização dos significados que constituem a rede de significações sociais.”(MONTENEGRO,1993;56)

A metodologia da história oral ajuda-nos a entender as práticas consolidadas a partir de uma história vivida, parte de uma história, cujo eixo é o homem e suas múltiplas relações com a natureza, que deveras podem ser apenas “aparentemente” harmônicas. Como Porto Murtinho se constitui um centro urbano no Pantanal, a relação homem *versus* natureza está pautada na inserção de elementos distintos, próprios da região e situam-se no espaço urbano. Considerando que em 1979, 1980, 1982 e 1988, as enchentes foram de grandes proporções para a cidade e com isso resultou no deslocamento da população para um espaço provisório, denominado de “cidade de lona”³ e na construção do dique⁴ de contenção das águas. Assim

³ Localizavam-se nos km 6,7, 8. Eram barracas de lona preta (1979) e verde (1982).

⁴ As características principais constam os dados do coroamento na cota de 11metros, altura de 3 metros com largura no topo que varia de 4 a 8 metros, e a largura da base de 16 a 20m. A altura máxima atingida pelo

como as enchentes o dique construído para a contenção das águas do Rio Paraguai, veio para acrescentar as pessoas um fragmento a mais em suas memórias.

No Pantanal as enchentes são vistas não somente como um processo de subir e baixar das águas, é além de tudo, um fenômeno que mexe com a vida de toda uma população, desde os que moram nas fazendas e nas áreas ribeirinhas, e também daqueles que residem nas cidades localizadas em toda a região pantaneira. Para o pantaneiro a cheia “limpa os campos.”(POTT,1988;22) A relação do homem *versus* natureza no Pantanal, sua interação com o ecossistema, o seu modo de perceber e relacionar-se com as peculiaridades do ambiente é marcada pelo ciclo das cheias e das secas.

Estas constatações nos permitiram analisar que mesmo a enchente sendo um fenômeno natural e recorrente no Pantanal, a relação do homem com a natureza perfaz amplos caminhos que envolvem transformações, suscitam apropriações e adaptações que se entrecruzam e se complementam, garantindo assim a continuidade e sobrevivência de ambos na multiplicidade de seus habitats. Mas esta interação não pode ser definida como de toda “harmoniosa”. Ela é marcada por transformações, que por vezes, são fatores de desequilíbrio para ambas as partes. Nuances de uma relação de aparente harmonia contidas nas palavras de Silvério quando fala da enchente no Pantanal. Ele pergunta ao pesquisador:

acho que você já conhece o Pantanal, já viu ele cheio, né? Então cê sabe o que é o Pantanal. Eu tenho que torcê pra enchê todo ano o Pantanal. Não enchê pra da prejuízo pra ninguém não. A coisa equilibrada, né (FERNANDES,2007;175)

A introdução de elementos alheios ao ambiente pantaneiro e que aderem e desenvolvem práticas culturais e sociais nocivas, aos ecossistemas, segundo A’b Saber, demandam um “novo padrão de entendimento.”(A’b SÁBER,2006;14) Prossegue em suas observações ressaltando que “trata-se, assim, de uma célula espacial do país que está a exigir uma extensão administrativa particularizada, e um novo padrão de controle, por parte do Estado e da sociedade brasileira.”(A’b SÁBER,2006;14)

As especificidades e particularidades de cada um destes pantanais estão intimamente ligadas à presença humana na região. Sua presença e permanência marcam a apropriação e a interação deste com o meio e assegura a continuidade de atividades genuínas, como a condução das comitivas, que mesmo em declínio, ainda é própria do pantanal. Neste aspecto, partilho da opinião de Leite, quando escreve que “a ocupação econômica da região, (...)

dique em trechos localizados é de 4 metros e ocorre exatamente onde tem 8 metros de largura no coroamento, resultando uma largura na base de 24 metros. O dique possui um comprimento total de 11 km.

sempre teve no seu interior a presença marcante da natureza pantaneira e suas particularidades, especialmente as grandes enchentes e sua antítese, as secas.”(LEITE,2005;174)

Considerações finais

O câmbio entre homem e natureza, gera a compreensão e estabelece uma relação mística pela natureza no Pantanal. Neste sentido, para este homem que desenvolve habilidades que permitam sobreviver na região, as enchentes têm uma função vital de renovação. Entender as transformações impostas ao meio ambiente pantaneiro no decorrer do tempo podem significar a prevenção dos impactos negativos induzidos pelo homem no ambiente incluindo mesmo a reversão de alguns destes danos operados, contribuindo assim para uma consciência de preservação e conservação dos recursos naturais e, auxilia também na compreensão dos resultados deste processo de trocas, interações que ainda estão em construção. Processo este, que engloba o clima, a geologia, a hidrografia e, que juntos atuam e determinam as respostas do ambiente, da natureza e as suas modificações. As respostas podem vir em forma de alterações climáticas, secas, na vazante dos rios que funcionam como determinantes na ocupação de um território, de uma determinada região. As mudanças por deveras, são lentas, mas de repetições constantes.

A relação do homem com a natureza não pode ser ingenuamente descrita como um processo de todo harmônico, no entanto “esta região concentra uma diversidade de manifestações e formas de viver e relacionar-se com o ambiente muito *sui generis*.” (LEITE,2005;177) A visão paradisíaca do pantanal, ostentada diariamente pela mídia, está diretamente relacionada à idealização da natureza no Brasil, que está enraizada na memória da sociedade, que apresenta a natureza “como portadora de riquezas infinitas e inesgotáveis, dada a exuberância da vegetação, abundância da água, diversidade da flora e da fauna , fertilidade dos solos, entre outros aspectos.(MARTINEZ,2005;31) Trata-se de uma forma de construção que atua com todo um sistema simbólico articulado que nomina este imaginário.

O câmbio que acontece entre homem e natureza gera a compreensão e estabelece uma relação mística e de respeito do pantaneiro pela natureza. Neste sentido, para este homem que desenvolve habilidades que permitam sobreviver na região, as enchentes têm uma função vital de renovação. Entender as transformações impostas ao meio ambiente no decorrer do tempo pode significar a prevenção dos impactos negativos induzidos pelo homem no ambiente incluindo ou mesmo a reversão de alguns destes danos operados, contribuindo assim para uma consciência de preservação e conservação dos recursos naturais.

A análise do impacto ambiental na região pode ser definida como processo de reconhecimento das causas e efeitos, considerando-se o fato de que o Pantanal é um ambiente de equilíbrio delicado e dinâmico de elevada produtividade biológica cujo limite de aproveitamento deve ser estabelecido pelo homem em função de suas atividades produtivas e exploratórias pelo múltiplo uso dos recursos naturais seja na agropecuária, na pesca, no turismo.

Fontes Orais

Entrevista: Conceição Aparecida Montanheri. 21/08/2008. Porto Murtinho, MS Produção: Ilsyane do Rocio Kmitta

KMITTA, I.R. Caderno de campo. Sonia Miranda Codorniz. 04/04/2007. Porto Murtinho, MS.

KMITTA, I.R. Caderno de campo. Damásia Andino. 02/02/2007. Porto Murtinho, MS.

Bibliografia

A'B SÁBER, A.N. *Brasil: Paisagens de Exceção. O litoral e o Pantanal Mato-grossense: patrimônios básicos*. Cotia, SP. Ateliê Editorial, 2006.

CARVALHO, N de O. Hidrologia da Bacia do Alto Paraguai. In: BRASIL. DNOS. *Estudos Hidrológicos da Bacia do Alto Paraguai*. Rio de Janeiro: 1974. 4v

FERNANDES, F.A. Entrando no mundo de Silvério: Postscriptum de um diário de campo e outras reflexões.. In: *A voz e o sentido. Poesia oral em sincronia*. São Paulo: Edusp, 2007. p.175

LEITE, E. F. Anotações sobre cultura e natureza nos pantanais. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v.9 n.1 2005

_____. *Aquidauana: A baioneta, a toga e a utopia nos entremeios de uma pretensa revolução*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2009.

LUFT, V.J. História e Meio Ambiente: descobrindo o passado para viabilizar o futuro. In: *História, Natureza e Território*. Publicado em www.editora.univale.br.

MARTINEZ, P.H. Brasil: desafios para uma história ambiental. *Revista Nômade*s, 2005.

MONTENEGRO, A.C.. História Oral, caminhos e descaminhos. In: *Rev. Bras. de História*. São Paulo: v.13 n.25/26 set 92/ago.93.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 129-280, 1992.

_____, Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. v.2, n.3, p. 3-160, 1989

POTT, Arnildo. *Pastagens no Pantanal*. Corumbá-MS, EMBRAP-CPAP, 1988.

SILVA, J.S.V. da e ABDON M.M. Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas Sub-Regiões. In: *Pesq. Agropec. bras.*, Brasília, v.33, Número Especial, p.1703-1711, out. 1998.